

FRIDA KAHLO NO SURREALISMO

SONHO E AUTOFIÇÃO

Jorgina Francisca Severino dos Santos

Roseli Gimenes

FRIDA KAHLO IN SURREALISM: dream and autofiction

FRIDA KAHLO EN EL SURREALISMO: sueño y autoficción

RESUMO

Frida Kahlo traz em suas pinturas as marcas da cultura de seu país, o México. No entanto, é inegável a presença do surrealismo por contatos da pintora com André Breton e também com os trabalhos de Diego Rivera, ainda que ele registrasse suas inquietações por meio de murais em que as questões sociais fossem seu alvo. O objetivo deste artigo é mostrar o surrealismo nas obras da pintora com o sonho e a autoficção pelas telas analisadas em metodologia qualitativa com olhares semiótico - psicanalíticos de autores como Santaella (2024), de Freud (2019) e do manifesto de Breton (2024) sobre o surrealismo. Percebe-se empoderamento e o mal-estar contemporâneo nas obras de Kahlo.

Palavras-chave: Surrealismo; pintura; Frida Kahlo.

ABSTRACT

Frida Kahlo's paintings bear the marks of the culture of her country, Mexico. However, the presence of surrealism is undeniable due to the painter's contacts with André Breton and also the works of Diego Rivera, even though he recorded his concerns through murals in which social issues were his target. The objective of this article is to show surrealism in the painter's works with the dream and autofiction through the canvases analyzed using qualitative methodology with semiotic-psychoanalytic perspectives from authors such as Santaella (2024), Freud (2019) and Breton's manifesto (2024) on surrealism. Empowerment and contemporary malaise can be perceived in Kahlo's works.

Keywords: Surrealism; painting; Frida Kahlo.

RESUMEN

Las pinturas de Frida Kahlo llevan el sello de la cultura de su México natal. Sin embargo, la presencia del surrealismo es innegable, derivada de los contactos de la pintora con André Breton y la obra de Diego Rivera, aunque también plasmó sus inquietudes a través de murales centrados en problemáticas sociales. Este artículo busca demostrar el surrealismo en la obra de la pintora, reflejando sueños y autoficción a través de lienzos analizados con metodología cualitativa, basándose en las perspectivas semióticas y psicoanalíticas de autores como Santaella (2024), Freud (2019) y el manifiesto de Breton (2024) sobre el surrealismo. El empoderamiento y la inquietud contemporánea son evidentes en las obras de Kahlo.

Palabras clave: Surrealismo; pintura; Frida Kahlo.

Introdução

A arte de Frida Kahlo ultrapassa as fronteiras da pintura tradicional ao incorporar elementos simbólicos, oníricos e profundamente subjetivos que dialogam com sua biografia e com o contexto sociocultural do México. Reconhecida por sua expressividade singular, Kahlo construiu um imaginário visual que entrelaça sofrimento pessoal, identidade nacional e questões de gênero. Frequentemente associada ao movimento surrealista, sua obra resiste a categorizações rígidas, apresentando uma estética própria, marcada também pela influência do muralismo de Diego Rivera cuja preocupação com as questões sociais contrasta, mas também complementa a introspecção de Kahlo.

O objetivo deste artigo é investigar como o surrealismo se manifesta nas pinturas da artista com destaque para os elementos do sonho. Para isso, adota-se uma metodologia qualitativa com análise de telas selecionadas sob uma perspectiva semiótico-psicanalítica, fundamentada em autores como Lucia Santaella (2024), Sigmund Freud (2019) e no manifesto surrealista de André Breton (2024).

Frida Kahlo entre o México e o Surrealismo - Panorama biográfico de Kahlo

Frida Kahlo nasceu em 6 de julho de 1907, na Cidade do México, e sua vida foi profundamente marcada por eventos traumáticos e transformadores que influenciaram intensamente sua produção artística. Filha de pai alemão e mãe de ascendência indígena e espanhola, cresceu em um ambiente culturalmente híbrido, o que viria a moldar seu senso de identidade e seu imaginário visual. Aos seis anos, contraiu poliomielite, o que lhe causou sequelas físicas permanentes. O episódio mais determinante em sua biografia ocorreu aos dezoito anos, quando sofreu um grave acidente de bonde que a deixou com múltiplas fraturas e dores crônicas ao longo da vida.

Durante recuperação, Kahlo começou a pintar autorretratos, transformando sua dor física e emocional em expressão artística. Sua obra, marcada por uma intensa introspecção e simbolismo, reflete não apenas o sofrimento pessoal, mas também uma profunda conexão com o imaginário mexicano, incluindo elementos da arte popular, da mitologia indígena e da iconografia religiosa. Em sua trajetória, envolveu-se com causas políticas, especialmente

ligadas ao comunismo, e manteve uma relação intensa e conturbada com o muralista Diego Rivera com quem se casou duas vezes.

Embora Frida Kahlo tenha rejeitado o rótulo de surrealista, sua obra chamou a atenção de André Breton que a considerava parte do movimento por sua estética onírica e subjetiva. Kahlo afirmava não pintar sonhos, mas sua própria realidade. Essa postura revela sua singularidade: sua arte não buscava evadir-se do mundo, mas dar forma à sua vivência concreta - física, emocional e simbólica - por meio de imagens que transitam entre o real e o fantástico. Morreu em 13 de julho de 1954, aos 47 anos, deixando um legado artístico que segue sendo objeto de reflexão e ressignificação em múltiplas linguagens contemporâneas.

A pintora incorporou em suas obras elementos como trajes típicos - especialmente as vestimentas *tehuanas* -, objetos da arte popular, cores vibrantes, figuras da fauna e flora locais, além de referências religiosas católicas reinterpretadas em chave pessoal e simbólica. Sua casa, a famosa “Casa Azul” em Coyoacán, transformada hoje em museu, era um verdadeiro santuário da cultura mexicana: decorada com ex-votos, peças arqueológicas pré-colombianas, artesanato regional e mobiliário rústico, espelhando seu compromisso com a estética e a identidade do país.

Esse apego à tradição, no entanto, não implicava conservadorismo. Ao contrário, Frida usava essas referências para afirmar sua singularidade enquanto mulher, artista e sujeito político. Seu corpo - atravessado pela dor, pela mutilação e pelo desejo - torna-se palco para uma iconografia híbrida que mistura o popular, o trágico e o sagrado. O México de Frida não é apenas paisagem de fundo, mas força simbólica que alimenta e transforma sua linguagem pictórica. Essa fusão entre autobiografia e cultura coletiva cria uma obra profundamente original que fala tanto de uma subjetividade ferida quanto de uma nação em construção.

A aproximação entre Frida Kahlo e o surrealismo ocorreu oficialmente em 1938, quando André Breton, um dos principais teóricos e fundadores do movimento, visitou o México e declarou Frida uma surrealista nata. Para Breton, suas pinturas, com imagens simbólicas, composições oníricas e narrativas visuais que desafiam a lógica racional, inseriam-se de forma espontânea no espírito do surrealismo. No entanto, essa filiação não foi aceita passivamente pela artista. Em diversas ocasiões, Frida afirmou que não se considerava uma surrealista.

Apesar dessa recusa em se identificar com o movimento, a relação com Breton foi significativa. Ele foi responsável por organizar a primeira exposição individual de Frida Kahlo fora do México, na galeria Julien Levy, em Nova York, em 1938, e intermediou sua mostra em

Paris, no ano seguinte. Essa exposição atraiu o interesse de artistas e intelectuais europeus, como Marcel Duchamp e Pablo Picasso, ampliando o reconhecimento internacional da pintora. Frida manteve uma postura crítica diante da elite artística europeia que muitas vezes apresentava sua obra e sua imagem como exóticas, sem compreender plenamente as complexidades políticas, culturais e afetivas que a atravessavam.

O surrealismo ofereceu a Kahlo uma plataforma de visibilidade e um vocabulário estético que se aproximava de sua linguagem simbólica, mas sua obra nunca foi submissa a um programa teórico externo. Sua produção visual revela afinidades com o inconsciente, o desejo, a metamorfose e o fantástico - temas caros ao surrealismo -, mas sempre sob uma ótica que privilegia o testemunho íntimo, a experiência encarnada e o enraizamento cultural.

A relação entre Frida Kahlo e Diego Rivera foi intensa, conturbada e profundamente influente para a trajetória artística de ambos. Quando se conheceram, Rivera já era um muralista consagrado, conhecido por seu engajamento político e por retratar nas paredes dos edifícios públicos a história e as lutas sociais do povo mexicano. Frida, por sua vez, estava no início de sua carreira, e encontrou em Diego não apenas um companheiro afetivo, mas também um interlocutor intelectual que incentivou sua produção e a apresentou a importantes círculos artísticos e políticos.

O diálogo deles não deve ser lido apenas em termos de oposição. Há uma troca rica e complexa: Rivera influenciou Frida ao reforçar sua conexão com as raízes indígenas e com o ideário revolucionário; Kahlo, por sua vez, impactou Rivera com sua coragem estética e sua liberdade simbólica. Ambos se alimentavam de um mesmo solo cultural - o México pós-revolucionário -, mas filtravam-no por lentes distintas.

O Surrealismo como expressão do inconsciente

O surrealismo, nascido oficialmente em 1924 com a publicação do *Manifesto Surrealista* por André Breton, constituiu-se como um movimento artístico e literário profundamente influenciado pelas descobertas da psicanálise, especialmente as de Sigmund Freud. Os surrealistas buscavam libertar o pensamento da censura racional, valorizando o sonho, o automatismo psíquico e o inconsciente como fontes legítimas e fecundas de criação. Em vez de representar o mundo assim como é percebido racionalmente, o surrealismo propunha a revelação de realidades ocultas, interiores e muitas vezes contraditórias, acessadas por meio

da linguagem simbólica, da livre associação e da irrupção do fantástico no cotidiano. Conforme Breton (2024, n.p.):

O surrealismo, com base na crença plena no funcionamento absoluto do pensamento, para além de toda lógica e de toda razão, dispensa quaisquer preocupações estéticas ou morais. Ele procura eliminar a autoridade do racionalismo para libertar a imaginação criadora, por meio do uso do automatismo psíquico puro (Breton, 2024, n.p.).

Sigmund Freud, particularmente em *A Interpretação dos Sonhos* (1900), defendeu que os sonhos são realizações simbólicas de desejos reprimidos, estruturados por mecanismos como condensação e deslocamento. Essa concepção influenciou diretamente os surrealistas que viam no sonho um espaço privilegiado para o encontro entre desejo, imagem e verdade psíquica. A arte não deveria ilustrar a realidade externa, mas tornar visível o que se oculta sob as camadas da consciência - um processo que envolve tanto desvelamento quanto criação. Exatamente o que afirma Freud (2019):

O trabalho do sonho é essencialmente um trabalho de tradução. Transforma os elementos do material dos sonhos, vindos dos pensamentos oníricos latentes, em imagens visuais e narrativas que compõem o conteúdo manifesto do sonho. Neste processo, recorre a mecanismos como a condensação - pela qual diversas ideias se unem num único elemento do sonho - e o deslocamento - pelo qual a intensidade de um pensamento se transfere para outro elemento menos importante. O resultado final é muitas vezes estranho, incompreensível e precisa de interpretação para revelar o desejo reprimido que lhe deu origem (Freud, 1900/2019, p. 315).

No caso de Frida Kahlo muitos de seus quadros dialogam com esses princípios ao explorar de maneira simbólica as dimensões mais profundas do sofrimento, da identidade, da sexualidade e da morte. Os elementos fantásticos não são ornamentos nem fugas, mas dispositivos de revelação de uma realidade subjetiva intensamente vivida. Como aponta Lucia Santaella (2024), ao analisarmos imagens desse tipo sob uma ótica semiótico-psicanalítica, percebemos que o sentido se constrói não pela lógica discursiva, mas pela articulação de signos visuais que evocam afetos, traumas e desejos.

Assim, a relação entre o surrealismo e Frida Kahlo pode ser compreendida menos como filiação formal e mais como afinidade estrutural. Sua obra compartilha com o surrealismo a busca por uma linguagem capaz de expressar o indizível - não apenas pelo choque entre imagens, mas pela condensação simbólica de uma realidade emocional profunda. Nesse processo, o inconsciente emerge não como tema, mas como motor da criação.

A estética surrealista se manifesta visualmente por meio de justaposições inesperadas, cenários oníricos, metáforas visuais e imagens perturbadoras que desestabilizam o olhar e provocam estranhamento. Essa linguagem encontra ecos na pintura de Frida Kahlo. Suas obras revelam a complexidade do sujeito, a fusão entre sonho e realidade, a força do desejo e da dor - todos aspectos centrais do surrealismo conforme formulado por Breton (2024):

Surrealismo é um automatismo psicológico puro, pelo qual se propõe expressar, verbalmente, por escrito ou de outra forma, o funcionamento real do pensamento. É o pensamento, na ausência de qualquer controle exercido pela razão, fora de qualquer preocupação estética ou moral (Breton, 2024, n.p.).

Ao contrário do automatismo proposto pelo movimento, Kahlo constrói imagens densas e conscientes em que o símbolo é cuidadosamente elaborado a partir de experiências autobiográficas.

Sigmund Freud estabeleceu em *A Interpretação dos Sonhos* (1900/2019) as bases teóricas que permitiriam a compreensão dos sonhos como manifestações simbólicas do inconsciente. Segundo Freud, os sonhos não são meros resíduos da experiência cotidiana, mas expressões disfarçadas de desejos reprimidos. Por meio de mecanismos como condensação (vários elementos condensados em uma só imagem), deslocamento (transferência de significado de um objeto para outro) e elaboração secundária (reorganização narrativa do sonho), o conteúdo latente do desejo é transformado em conteúdo manifesto - naquilo que se sonha e se recorda.

O sonho é um espaço privilegiado para o aparecimento de desejos recalcados, angústias, fantasias e experiências traumáticas que escapam ao controle do ego consciente. Essa perspectiva foi essencial para o desenvolvimento do surrealismo que buscava justamente criar uma arte não submetida à razão, capaz de dar forma ao irracional e ao fantástico. Freud, embora tenha sido lido com liberdade e até distorcido por alguns surrealistas, forneceu o arcabouço teórico para uma concepção da arte como via de acesso ao inconsciente - individual ou coletivo.

Na obra de Frida Kahlo, os princípios freudianos se manifestam com força particular. Muitas de suas pinturas funcionam como representações visuais de um conteúdo psíquico reprimido ou doloroso, transformando o corpo em palco do desejo, da angústia, da perda e da memória. As imagens de duplicação, mutilação, sangue, fetos, órgãos expostos e animais simbólicos revelam não apenas uma estética do sofrimento, mas uma linguagem simbólica que permite visualizar conflitos inconscientes.

Como observa Santaella (2024), uma leitura semiótico-psicanalítica, ou seja, aquela que trabalha objetos artísticos com uma base na semiótica visual e que também faça interpretações da ordem do narcisismo- imaginário na psicanálise (Freud, 1900/2019), da obra de Frida revela a articulação entre a imagem e o trauma, entre o signo e o afeto, tornando visível aquilo que, no cotidiano, é recalcado ou silenciado. A pintura, assim como o sonho, torna-se um espaço de elaboração psíquica e de resistência simbólica. Em vez de narrar sua história de forma linear, Kahlo a inscreve no corpo e na tela com imagens que funcionam como condensações visuais de suas experiências internas. A semiótica psicanalítica, conforme Cesarotto (2012) descreveu:

É uma abordagem que considera os signos hegemônicos como determinantes da existência individual e social. Ele destaca que, embora os seres humanos sejam simbólicos e sujeitos à lei da linguagem, também são reféns das pulsões. Nas soluções de compromisso de cada falante, sexuado e mortal, transcorre a vida cotidiana, psicopatológica. No plano coletivo, conflitos e contradições que afetam a todos constituem a linha de pesquisa da clínica da cultura, o campo do gozo, o inconsciente a céu aberto (Cesarotto, 2012, pp. 141-151).

A obra de Frida Kahlo pode ser entendida como uma trama complexa de imagens que carregam um profundo simbolismo e refletem processos psíquicos inconscientes de acordo com os princípios da psicanálise. A psicanálise freudiana propõe que os símbolos presentes nos sonhos ou nas manifestações artísticas são a tradução de conteúdos inconscientes como desejos reprimidos, traumas, fantasias e emoções não expressas. Esses símbolos, embora pareçam pertencer a um mundo de fantasia, carregam significados profundos, muitas vezes ligados ao sujeito que os cria, ao seu corpo, à sua história e à sua sociedade.

A psicanálise freudiana e a semiótica psicanalítica (como proposta por Lucia Santaella, 2024) fornecem uma chave para entender como as imagens de Kahlo podem funcionar como signos (ícones) que condensam e deslocam sentidos. Lúcia Santaella (2024), dialogando com Peirce e Freud, propõe uma semiótica psicanalítica que reconhece o papel do inconsciente na constituição dos signos, especialmente os icônicos, que remetem ao objeto por semelhança. Ela afirma que:

As imagens são portadoras de traços psíquicos que escapam ao regime da consciência lógica; condensam sentidos e afetações, funcionando como signos do desejo (Santaella, 2024, p. 202).

Nessa perspectiva, a imagem não apenas representa, mas deseja, desloca, mascara e intensifica sentidos - muito próxima da lógica onírica freudiana.

Por exemplo, as imagens de Frida com seus próprios órgãos, feridas abertas ou com o corpo fragmentado podem ser vistas como condensações de seus desejos, seus traumas, mas também como uma forma de elaborar e dar visibilidade àquilo que a razão não pode expressar. O fato de ela usar seu próprio corpo e sua dor como matéria-prima para a arte revela um processo de elaboração psíquica, um modo de simbolizar e enfrentar o sofrimento, ao mesmo tempo em que o torna compartilhável, transformando o pessoal em universal.

Além disso, os símbolos presentes em suas pinturas - como os animais, as flores, os corações, as árvores - funcionam de maneira que transcendem a superfície da tela, oferecendo ao espectador uma rede de significados que se conectam com os universos do inconsciente coletivo e pessoal. Essas imagens não são apenas ilustrações de sua vida, mas representam a forma simbólica de enfrentar, refletir e transformar suas vivências mais íntimas e dolorosas. Por meio dessa linguagem simbólica, Frida não apenas se comunica com seu próprio inconsciente, mas também expõe suas angústias, desejos e contradições para o mundo, criando uma conexão visceral com quem observa sua obra.

Sonho, dor e autoficção nas pinturas de Frida Kahlo

A obra de Frida Kahlo é um campo fértil para a análise de como o sonho, a dor e a autoficção se entrelaçam, criando uma narrativa visual única que reflete não apenas sua realidade interna, mas também as complexas relações entre corpo, identidade e sofrimento. Sua obra, longe de ser uma mera documentação de sua vida pessoal, propõe uma reinterpretação constante da realidade por meio da arte, configurando um espaço de autoficção que, tal como o sonho, oferece acesso ao inconsciente.

A dor, física e emocional, foi uma constante na vida de Kahlo, além das dificuldades relacionadas a sua saúde emocional e a um casamento tumultuado com Diego Rivera. Tudo marcou sua vida e obra. Essas experiências de sofrimento profundo, particularmente o que pode ser considerado um trauma corporal, são visíveis em muitas de suas obras em que seu corpo se transforma em um campo de batalha simbólico. Um exemplo na obra de Frida Kahlo é o quadro *A coluna partida*, de 1944, comentada mais à frente.

Freud (2019) sugeria que os sonhos servem para cumprir desejos reprimidos ou, mais especificamente, para expressar aquilo que não pode ser verbalizado pela mente consciente:

O conteúdo manifesto do sonho frequentemente parece absurdo, mas, quando interpretado, revela-se como expressão disfarçada de desejos que o sujeito não ousa reconhecer conscientemente. (Freud, 1900/2019, p. 347).

A arte de Kahlo, de maneira semelhante aos sonhos, apresenta-se como uma manifestação simbólica daquilo que não pode ser dito diretamente. Seus quadros estão impregnados de imagens que combinam o real e o surreal, o cotidiano e o fantástico, criando uma linguagem visual que opera como um sonho acordado em que a dor e os desejos de sua vida íntima se fundem em uma narrativa mais ampla. O uso de cores intensas, a presença de elementos da cultura mexicana e a fusão de figuras humanas e animais, entre outras características, possibilitam que sua obra se aproprie de um vocabulário simbólico (icônico) que dialoga com o inconsciente. Assim aponta Santaella (2016):

O signo icônico é aquele cuja relação com o objeto se dá por semelhança ou analogia, em que a imagem não é uma simples representação, mas uma condensação de traços psíquicos que evocam emoções, desejos e memórias. Na perspectiva psicanalítica, as imagens icônicas têm o poder de acessar camadas do inconsciente, funcionando como expressões visíveis de conteúdos reprimidos que escapam à lógica verbal (Santaella; Hisgail, 2016, p. 90-110).

Além disso, a autoficção, uma técnica literária que mistura elementos da realidade e da ficção para criar uma narrativa subjetiva, é uma característica fundamental da obra de Frida. Em seus quadros, ela rompe com a objetividade da realidade e constrói uma versão idealizada e distorcida de si mesma, transformando sua própria biografia em uma história carregada de símbolos e significados que vão além do mero relato dos fatos. Sua dor não é apenas pessoal, mas se torna uma alegoria para questões universais de identidade, gênero, sexualidade e resistência.

Esse processo de autoficção pode ser visto como uma maneira de Kahlo lidar com seus traumas e crises, mas também como uma forma de libertação simbólica. Assim como o surrealismo procura libertar o pensamento da rigidez da razão, a arte de Kahlo libera a dor e a identidade da exigência de uma narrativa linear ou objetiva. Sua obra é, portanto, uma expressão profunda e multifacetada de sua psique em que sonho e realidade, dor e prazer, autobiografia e ficção se entrelaçam em uma produção artística única e complexa.

Autoficção é uma narrativa em que o autor, o narrador e o personagem principal compartilham o mesmo nome, conforme Serge Doubrovsky em Fils (2001). No caso de Frida Kahlo, suas pinturas em maioria são o seu próprio corpo, a sua própria história, é aquilo que ela mais conhece como no exemplo da obra *As duas Fridas* (1939): à esquerda uma Frida

vestida com um traje europeu branco, com o coração aberto e sangrando, simbolizando sofrimento, dor e rejeição. Ela segura uma tesoura que corta uma veia; à direita: uma Frida com vestido tradicional mexicano, com o coração intacto, forte e conectado à Frida europeia por uma veia. Ao fundo, um céu nublado e tempestuoso, reforçando o drama emocional.

O que se observa reflete sobre autoficção: Frida a pintora, Frida a personagem, Frida e sua relação com o México, Frida e a opressão do europeu. Autor, narrador, personagem central.

Análise de corpus: o aborto nas telas de Frida Kahlo

Frida Kahlo usou sua arte para representar experiências íntimas e traumáticas, e os quadros que abordam seus abortos espontâneos são particularmente reveladores de sua relação com a dor, a perda e a construção de sua identidade. Kahlo teve várias complicações de saúde ao longo da vida, incluindo múltiplos abortos espontâneos, o que a levou a retratar essa experiência de maneira simbólica (icônica) e visceral em suas obras. As seguintes pinturas exemplificam como a artista lidou com o tema do aborto, da perda e da dor emocional em sua arte.

Henry Ford Hospital (1932)

Henry Ford Hospital (1932) é uma das obras mais explícitas de Frida Kahlo sobre a perda de um filho. Após um aborto espontâneo durante sua viagem aos Estados Unidos, Frida pintou essa obra em que ela aparece deitada em uma cama de hospital com seu corpo exposto e com uma série de elementos icônicos que estão ligados a sua dor. O quadro não apenas representa a perda do bebê, mas também a dor física e emocional associada ao aborto.

No centro da imagem, o corpo de Frida é mostrado com o útero aberto de onde sai uma série de imagens (ícones): um feto, uma flor, uma coluna vertebral e um coração. Esses elementos representam não apenas a perda do filho, mas também a desintegração de sua própria identidade e a fragilidade do corpo feminino. O sangue que escorre de seu corpo simboliza a perda, tanto física quanto emocional, e a presença de elementos mecânicos e industriais como a planta de um motor que faz referência ao ambiente frio e desumanizado do hospital. O quadro é uma metáfora visual de uma dor pessoal, mas também se torna uma expressão de uma dor coletiva, da experiência da mulher com o aborto e com a incapacidade de dar à luz. A obra é um claro exemplo da forma como Kahlo utilizava a pintura como um veículo para externalizar

seu sofrimento, usando o simbolismo para dar voz à experiência interna que o mundo exterior não poderia compreender.

Frida e o aborto (1945)

Frida e o aborto é uma obra que reflete mais diretamente sobre a experiência emocional de Frida em relação à perda de um filho, abordando a questão de forma simbólica. Embora menos conhecida que *Henry Ford Hospital*, a obra é igualmente intensa e rica em significados. A pintura traz uma Frida angustiada, rodeada por ícones de gestação e nascimento interrompidos, refletindo a dor de um corpo que não foi capaz de sustentar a vida que desejava gerar.

Nessa tela, Kahlo usa a imagem do corpo dilacerado com uma figura central que remete ao seu próprio corpo desintegrado. Ao redor dela, surgem símbolos de fertilidade e perda como a imagem de um feto no fundo da composição, sugerindo o que não pôde ser realizado. A obra destaca a luta interna de Frida, misturando a beleza da vida com a dor da morte precoce e da incapacidade de gerar a vida que ela tanto desejava. A cena também é um comentário sobre a dor da mulher diante da sociedade que muitas vezes marginaliza suas experiências de perda e sofrimento.

A coluna partida (1944)

Embora *A coluna partida* não trate diretamente do aborto, é relevante para a análise do sofrimento físico e emocional que Frida experimentou ao longo de sua vida, especialmente considerando que o aborto estava diretamente relacionado ao seu sofrimento físico contínuo. A coluna vertebral quebrada e a expressão de dor exasperada de Frida podem ser interpretadas como um reflexo das dores de sua vida, tanto físicas quanto emocionais, causadas por múltiplos abortos, acidentes e a doença crônica.

A coluna vertebral exposta com pregos que a atravessam simboliza a dor incessante que Frida experimentou, enquanto a imagem de seu próprio corpo, preso a uma estrutura de metal, sugere a prisão e a limitação que ela sentia. Embora o quadro não trate de uma perda gestacional específica, ele reflete o trauma contínuo de sua saúde frágil e a dificuldade de lidar com o corpo que falhava em fornecer a maternidade que ela desejava.

A análise psicanalítica dessas obras revela como Frida utilizava a arte para simbolizar sua dor e, ao mesmo tempo, criar um espaço de resignificação de sua experiência.

O aborto, para ela, não é apenas uma perda biológica, mas um trauma emocional profundo que a marca, não só como mulher, mas também como ser humano que busca encontrar significado em suas tragédias pessoais. A psicanálise de Freud sobre o luto e a perda pode ser aplicada a esses quadros em que a dor da perda e da frustração encontra um campo de elaboração e transformação simbólica na pintura. As imagens de corpos dilacerados, de fluidos que vazam e de fetos abortados se tornam símbolos de um sofrimento impossível de ser contido em palavras, mas que, na pintura, ganha uma voz visível e comovedora.

Os autorretratos de Frida Kahlo são elementos fundamentais para compreender a construção de sua imagem pessoal e o uso da arte como ferramenta de auto ficção. Ao longo de sua carreira, Kahlo não apenas documentou sua própria identidade, mas também a reimaginou, criando uma versão de si mesma que refletia tanto a sua realidade quanto os aspectos subjetivos e simbólicos que ela desejava explorar. Seus autorretratos não são apenas reflexões visuais de seu rosto e corpo, mas, acima de tudo, construções criativas que misturam a realidade e a fantasia, a dor e a resistência, o feminino e o social.

O rosto de Kahlo, frequentemente apresentado com expressões que parecem distantes ou melancólicas, é uma afirmação de sua subjetividade e de sua autonomia em relação à construção de sua imagem pública.

Kahlo se apresenta muitas vezes em suas pinturas com elementos que representam sua cultura mexicana, como flores, animais e símbolos indígenas, apropriando-se desses elementos para afirmar sua identidade e a força de seu legado cultural. A estética do autorretrato se torna uma forma de resistir às imposições sociais, criando uma imagem de si que escapa aos padrões tradicionais e, ao mesmo tempo, ressignificando seu sofrimento.

Um dos aspectos mais marcantes dos autorretratos de Kahlo é como ela usa a dor, física e emocional como matéria-prima para sua criação. As várias representações de seu corpo dilacerado ou de elementos associados à sua saúde frágil (como sua coluna quebrada, a mão em seu coração ou os fios de cabelo e as flores que adornam seu rosto) são marcas de uma identidade fragmentada pela dor e pelo sofrimento.

Ao incorporar esses elementos, Kahlo não apenas externaliza sua dor, mas também a transforma em uma narrativa de resistência e ressignificação. A dor, em vez de ser uma limitação, torna-se uma ferramenta de criação, uma maneira de afirmar sua identidade e de se afirmar como sujeito criador.

Essas representações de si mesma oferecem uma construção não linear de sua identidade em que o corpo e a alma interpenetram-se, fundem-se e se reorganizam a partir das experiências que Frida viveu. O autorretrato é, nesse sentido, uma forma de autoficção, na medida em que mistura e ressignifica sua biografia pessoal com a construção simbólica de um eu que transcende a realidade factual.

Presença do onírico, do trauma e da identidade feminina

A obra de Frida Kahlo é marcada pela exploração intensa de sua própria experiência de dor e sofrimento, ao mesmo tempo em que investiga temas universais como o feminino, a identidade e o trauma. O onírico, o trauma e a identidade feminina emergem como os pilares de sua produção artística com Kahlo utilizando sua dor pessoal e seu corpo como campo de reflexão sobre questões de gênero, identidade e a experiência da mulher no mundo.

A presença do onírico na obra de Frida Kahlo está intrinsecamente ligada à exploração de sua psique e ao modo como ela dava forma à sua realidade interior. A pintura de Kahlo, repleta de imagens surrealistas e simbólicas, muitas vezes transcende o real para criar um espaço onírico em que o impossível se torna visível. As imagens que surgem em suas telas, como a combinação de seu corpo com a natureza, animais e elementos fantásticos, possuem um caráter onírico que visa expressar o inconsciente e as emoções mais profundas como o surrealismo buscava.

O onírico em suas obras vai além do simples escapismo. Frida não se limita a criar imagens de sonhos; ela os utiliza para explorar aspectos ocultos de sua identidade e suas experiências emocionais. Por exemplo, em *O veado (O cervo)* (1946), Frida é retratada como um cervo ferido com flechas em seu corpo, refletindo o trauma físico e emocional que ela vivenciava. O cenário, com sua paisagem surrealista e animalesca, cria uma atmosfera onírica em que o real se dissolve em um espaço de dor em que a experiência do trauma se mistura ao imaginário.

Esse uso do onírico pode ser interpretado, à luz das teorias freudianas, como uma forma de Kahlo dar vazão ao seu inconsciente, trazendo à tona desejos reprimidos, medos e angústias que, de outra forma, poderiam ser impossíveis de comunicar de forma direta. Ao pintar cenas que combinam o real e o irreconhecível, Kahlo estabelece uma relação complexa com a percepção do mundo, misturando a realidade com a fantasia e projetando suas angústias em imagens que o público pode ler como um reflexo de sua própria subjetividade.

Em obras como *O Hospital Henry Ford* (1932), já discutida anteriormente, a representação de Frida com seu corpo dividido e sangrando é uma metáfora visual do trauma, tanto físico quanto emocional. A dor não é apenas uma experiência pessoal, mas uma experiência universal que pela arte se comunica com o espectador de forma visceral. A corporeidade dilacerada que aparece nas pinturas de Kahlo não apenas reflete seu próprio sofrimento, mas também aborda o sofrimento das mulheres de maneira geral, especialmente no que se refere à perda e à fragilidade do corpo feminino.

O onírico também permite que Frida explore as nuances da identidade feminina de forma não linear, desconstruindo as expectativas e os limites impostos pela sociedade. Ao misturar o real com o imaginário, ela questiona o que é verdadeiramente feminino e cria uma narrativa em que a mulher pode ser ao mesmo tempo vulnerável e forte, sensual e selvagem, desconstruindo as visões tradicionais sobre a feminilidade. O sonho, para Frida, é uma forma de transitar entre essas diferentes facetas de sua identidade e de sua experiência como mulher.

Frida Kahlo e o mal-estar contemporâneo

O mal-estar em Freud está ligado a sua obra *O mal-estar na civilização* (*Das Unbehagen in der Kultur*, 1930/2010). Nesse texto, Freud reflete sobre o conflito entre os desejos individuais (principalmente os instintos sexuais e agressivos) e as exigências da vida em sociedade. Freud argumenta que a civilização exige repressão dos instintos para manter a ordem e a convivência; e essa repressão gera sofrimento psíquico, pois os desejos não desaparecem, apenas são reprimidos; o sentimento de culpa - muitas vezes inconsciente - é uma consequência dessa repressão. O progresso civilizatório traz benefícios, mas também impõe um preço psíquico: o mal-estar.

O texto mostra uma visão crítica da cultura e da condição humana em que o conflito entre o sujeito e a sociedade é inevitável. Freud não propõe uma solução, mas uma reflexão profunda sobre os limites da felicidade na vida civilizada. Freud (1930/2010) comentará:

Aquilo que chamamos de civilização é em grande parte responsável por nosso sofrimento, e seríamos muito mais felizes se a abandonássemos e retornássemos a condições primitivas. [...] a civilização é construída sobre a renúncia pulsional (Freud, 1930/2010, p 13-15).

Em muitas obras, Frida colocará em tela esse conflito de mal-estar, é o caso de imagens que retratam a ida do casal, dela e de Diego Rivera, aos Estados Unidos, por exemplo.

Assim, a própria Frida colocou questões desse mal-estar que é revisitado em nossa cultura contemporânea.

Frida Kahlo, com sua obra visceral e profundamente pessoal, continua a ser uma figura central na reflexão sobre o mal-estar contemporâneo, especialmente quando se observa o modo como suas pinturas exploram o sofrimento, a identidade e a resistência diante das adversidades. Sua arte não apenas reflete os desafios de sua vida, mas também aborda questões que permanecem universais e atemporais como a luta pela afirmação da identidade, a dor física e emocional, e as complexas relações entre o corpo e a sociedade.

O conceito de mal-estar contemporâneo (Santaella, 2024) refere-se à sensação coletiva de desconforto, insatisfação e alienação que permeia muitas sociedades modernas. Esse mal-estar está frequentemente ligado a crises existenciais, fragmentação social e uma perda de sentido, exacerbada por transformações culturais, políticas e econômicas. Nos últimos tempos, a ansiedade, o estresse e a sensação de não pertencimento tornam-se cada vez mais prevalentes, à medida que as normas e as expectativas sociais se tornam mais exigentes e insustentáveis para muitas pessoas.

O mal-estar contemporâneo (Santaella, 2024) também pode ser associado ao questionamento de identidades tradicionais e ao confronto com as expectativas normativas impostas pela sociedade. Nesse cenário, Frida Kahlo emerge como uma figura emblemática para refletirmos sobre esse mal-estar, pois, pela arte, ela enfrentou os limites de seu próprio corpo e as dificuldades existenciais com uma linguagem que não se restringia apenas ao seu tempo, mas ressoava nas questões universais que continuam a ser debatidas hoje.

A obra de Frida Kahlo pode ser lida como uma resposta criativa e corajosa ao mal-estar que ela mesma viveu, abordando suas dores físicas e emocionais de forma única e pessoal. Seu sofrimento, uma saúde debilitada e traumas emocionais causados por seu casamento com Diego Rivera, é reconfigurado em suas pinturas como uma forma de expressão em que o corpo e o espírito se tornam símbolos de resistência.

A luta contra a opressão de gênero e o papel da mulher na sociedade, frequentemente presente em sua obra, contribui para a construção de uma narrativa de resistência. Ela rejeita os padrões tradicionais de feminilidade e impõe sua própria visão do que significa ser mulher. Em uma sociedade patriarcal, ela se coloca em um lugar de resistência contra a idealização do corpo feminino, trazendo para suas pinturas um corpo que não se encaixa nos estereótipos, que está marcado pela dor e pela vida real. Dessa forma, ela denuncia

as pressões sociais que limitam as mulheres e reafirma a importância de afirmar a própria identidade.

O corpo de Frida Kahlo é um dos elementos centrais em sua obra e uma das maneiras mais poderosas de refletir sobre o mal-estar contemporâneo (Santaella, 2024). A relação complexa entre corpo e identidade é uma das questões que mais ressoam na sociedade atual em que os padrões estéticos e as expectativas sociais se intensificam cada vez mais. Kahlo, com sua representação de um corpo fragmentado, expõe a fragilidade humana e a tensão entre a aparência e a realidade interior. Ao mostrar um corpo quebrado, mutilado ou doente, Kahlo reflete a sensação de alienação e a fragmentação do ser que são características do mal-estar contemporâneo em que as expectativas sobre o corpo e a saúde mental muitas vezes geram conflitos internos.

Frida Kahlo também foi uma das pioneiras na abordagem da identidade feminina de maneira radical e desafiadora. Suas obras tratam das questões de gênero e da opressão social das mulheres, oferecendo um olhar crítico sobre os estereótipos femininos. Ao usar seu próprio corpo para discutir a dor, a fertilidade, o desejo e a sexualidade, Kahlo expõe as complexidades da identidade feminina de uma maneira que continua relevante para os debates contemporâneos sobre feminismo, autonomia corporal e direitos das mulheres.

O mal-estar contemporâneo (Santaella, 2024) em relação à identidade feminina também pode ser visto nas tensões entre as expectativas sociais de beleza e o que significa ser mulher em um mundo dominado por normas rígidas e ideais irreais. As figuras de Frida, com seu bigode, sobrancelhas espessas e corpo marcado, questionam essas normas e propõem uma reinterpretação do que é a beleza, o corpo e a identidade feminina.

A arte de Frida Kahlo permanece profundamente relevante no contexto atual, pois ela aborda questões como a busca por identidade, a luta contra a opressão, o sofrimento e a resistência. Sua representação do mal-estar - não apenas físico, mas também psicológico e social - continua a ecoar em uma sociedade que ainda enfrenta muitos dos mesmos desafios que Kahlo enfrentou. O mal-estar contemporâneo (Santaella, 2024), ligado a questões de saúde mental, identidade de gênero, e a pressão para se conformar aos padrões sociais, encontra em Kahlo uma aliada que usou a arte como uma forma de resistência.

Atualidade de suas temáticas (gênero, corpo, dor, subjetividade)

A obra de Frida Kahlo não apenas refletiu a complexidade de sua época, mas também antecipou muitos dos debates contemporâneos sobre gênero, corpo, dor e subjetividade. Suas temáticas continuam a ressoar de forma profunda no cenário atual, especialmente no contexto das discussões contemporâneas sobre identidade, feminismo, saúde mental e a experiência do corpo. A relevância de Kahlo nos dias de hoje se mantém viva não apenas pelo caráter atemporal de suas questões, mas também pela forma como ela abriu caminho para uma discussão mais ampla sobre o que significa ser mulher e existir em um corpo que não se conforma às expectativas sociais.

Frida Kahlo foi uma das primeiras artistas a usar seu corpo como um espaço de questionamento da feminilidade tradicional. Ao se retratar com traços considerados masculinos, como o bigode e as sobrancelhas espessas, como comentamos, e ao se afastar dos padrões estéticos convencionais de beleza, Kahlo foi uma precursora das discussões contemporâneas sobre identidade de gênero e os limites impostos pela sociedade à mulher.

Em uma época em que as mulheres eram frequentemente estigmatizadas por não se conformarem aos padrões de beleza ou ao papel doméstico tradicional, Frida subverteu essas expectativas ao afirmar que o corpo feminino não deveria ser idealizado ou reduzido a um simples objeto de desejo masculino. Sua autoimagem não se limita à visão tradicional do corpo feminino, o que ressoou com os ideais feministas que emergiram nas décadas seguintes. A obra de Kahlo continua sendo uma poderosa ferramenta para refletir sobre a desconstrução da identidade de gênero e o questionamento das normas sociais que buscam moldar a figura feminina.

No contexto de crescente visibilidade do movimento LGBTQIA+ e das discussões sobre a fluidez de gênero, a arte de Kahlo permanece relevante. Ela antecipa as conversas sobre a diversidade de corpos e identidades, oferecendo uma representação visual da resistência contra a normatividade de gênero.

O mal-estar contemporâneo (Santaella, 2024) relacionado ao corpo – como vimos - é intensificado pela pressão estética das redes sociais e da mídia que muitas vezes impõem padrões inalcançáveis. Kahlo, ao se representar com um corpo não idealizado, desafia essas expectativas, questionando a ideia de que a mulher deve se conformar a um molde pré-estabelecido de beleza. A representação de seu corpo mutilado ou marcado pela dor física e emocional revela uma experiência profunda de sofrimento que, ao mesmo tempo, propõe uma forma de resistência: a arte como um meio de redefinir a relação com o corpo.

Além disso, as questões relativas à saúde mental, frequentemente associadas ao mal-estar contemporâneo, podem ser refletidas por meio da análise das obras de Kahlo que explora as limitações e a fragilidade do corpo humano como uma forma de comunicar, também, o sofrimento psíquico. Em um mundo em que a saúde mental está cada vez mais no centro das discussões, a arte de Kahlo continua a ser um ponto de partida para refletir sobre como o corpo e a mente estão entrelaçados e como a dor pode ser traduzida em algo simbólico e, por vezes, libertador.

Na contemporaneidade, a dor, especialmente a dor emocional, continua sendo um tema central, no contexto da crescente conscientização sobre saúde mental. O sofrimento que Kahlo retratou com tanto vigor em suas telas ainda é um tema de relevância fundamental. A sociedade enfrenta uma epidemia de doenças mentais como depressão e ansiedade que frequentemente são invisíveis ou mal compreendidas. A obra de Kahlo serve como uma maneira de dar visibilidade a esses sofrimentos, mostrando como a dor pode ser não apenas uma experiência pessoal, mas também uma parte compartilhada da condição humana.

A subjetividade de Frida Kahlo é um dos aspectos mais poderosos de sua obra. Ela não apenas se pintava, mas se reconfigurava e se reinventava em suas telas, usando a pintura como um meio de explorar e expressar sua psique. A noção de autorretrato que Kahlo constrói vai além da simples representação de seu rosto ou figura, e se transforma em um campo de experimentação em que a identidade, a dor e o inconsciente se entrelaçam.

As temáticas de gênero, corpo, dor e subjetividade que permeiam a obra de Frida Kahlo continuam a ser pontos de reflexão essenciais na cultura contemporânea. Em um contexto em que o empoderamento feminino, a representação do corpo, a saúde mental e a autenticidade do eu são discutidos de forma intensa, Kahlo permanece uma figura de relevância central. Sua obra não é apenas um reflexo de sua época, mas uma chave para entender as complexidades da condição humana, que continuam a ser debatidas e reconfiguradas no presente.

Frida como símbolo de empoderamento e resistência

Frida Kahlo, além de ser uma das artistas mais icônicas do século XX, tornou-se, ao longo das décadas, um símbolo poderoso de empoderamento e resistência, especialmente no contexto das questões de gênero, identidade e opressão. Sua obra, que dialoga com sua experiência pessoal de sofrimento e resistência, reflete não só uma profunda reflexão sobre sua

condição de mulher, mas também sobre a luta contra as adversidades impostas pela sociedade, pela política e pela sua própria condição física. Em sua arte e em sua vida, Frida personifica a capacidade de resistir a um mundo que muitas vezes nega ou marginaliza as mulheres, os corpos não convencionais e as experiências fora dos padrões normativos.

Frida Kahlo, em sua vida e arte, foi uma das primeiras mulheres a questionar abertamente os padrões rígidos de beleza e feminilidade impostos pela sociedade. Ao retratar-se de maneira crua, sem adornos artificiais ou tentativas de esconder suas imperfeições físicas, ela subverteu a ideia de que a mulher deveria se conformar aos ideais de beleza tradicionais. Frida, com seus autorretratos, trouxe à tona uma versão do corpo feminino que não estava em conformidade com as expectativas de suavidade, delicadeza ou sensualidade passiva.

Em suas obras, Frida não hesitou em mostrar o corpo de maneira imperfeita, muitas vezes destacando suas cicatrizes, a dor de sua condição física e os traços considerados masculinos, como suas sobrancelhas espessas e o bigode, repetimos. Ao fazer isso, ela não apenas confrontou a ideia de que as mulheres deveriam se encaixar em um molde estético, mas também questionou o próprio conceito de feminilidade. Sua imagem não estava ligada aos estereótipos de mulher, mas a uma ideia de empoderamento baseado na aceitação e na afirmação de sua identidade única e complexa.

O fato de Frida ter se apresentado dessa maneira desafiou as expectativas de sua época, tornando-a uma pioneira do feminismo visual. Seu trabalho não era apenas uma maneira de lidar com suas dores físicas e emocionais, mas também uma maneira de se afirmar como uma mulher que não precisava se esconder ou se submeter aos padrões estéticos masculinos. Em um contexto em que as mulheres estavam (e ainda estão) frequentemente invisibilizadas ou subordinadas, Kahlo se tornou um ícone de resistência ao sistema patriarcal.

Frida Kahlo também é um símbolo de resistência devido à forma como usou a dor – tanto física quanto emocional – como uma força criativa. A dor, em muitos aspectos, não a definiu de forma passiva; ao contrário, ela a usou como um instrumento de expressão e afirmação. Suas telas, muitas vezes marcadas por imagens de sofrimento físico e emocional, não são apenas um reflexo de sua condição, mas uma maneira de afirmar sua sobrevivência e sua força diante das adversidades.

Essa forma de resistência ao sofrimento, ao invés de se deixar consumir por ele, é um dos maiores aspectos de seu empoderamento. Frida Kahlo desafiou a ideia de que o sofrimento, particularmente o sofrimento feminino, deveria ser escondido ou ignorado. Ao dar

visibilidade a sua dor e usá-la como material para sua arte, ela não apenas resistiu à passividade diante do sofrimento, mas também reivindicou seu direito de ser a protagonista de sua própria história.

Essa resistência ao sofrimento é algo que também ressoa com muitas mulheres contemporâneas que enfrentam dificuldades, traumas ou adversidades. Em um mundo em que o sofrimento feminino muitas vezes é minimizado ou romantizado, a arte de Kahlo oferece uma poderosa visão de resistência, mostrando que a dor pode ser transformada em algo produtivo, em algo que não diminui, mas fortalece.

Além do empoderamento pessoal e do questionamento de padrões de beleza, Frida Kahlo também se tornou um símbolo de resistência política e social. Ao lado de seu marido, o muralista Diego Rivera, ela esteve profundamente envolvida em movimentos políticos que buscavam a igualdade social e a justiça, principalmente no México. Seus quadros não são apenas reflexos de sua dor pessoal, mas também carregam uma forte carga de crítica social, incluindo temas relacionados à exploração das classes trabalhadoras, às desigualdades de gênero e à opressão dos povos indígenas.

A pintura de Kahlo associada ao surrealismo e à exploração de seu mundo interior, também incorporou questões sociais e políticas. Ao retratar figuras indígenas, ao abordar a luta de classes e ao fazer referências visuais ao movimento comunista, ela não se limitou a uma expressão de sofrimento individual, mas também fez de sua arte um campo de resistência à opressão social e política.

A própria figura de Kahlo tornou-se, então, uma forma de resistência não só contra a opressão patriarcal, mas também contra as injustiças políticas e sociais. Em um país como o México, que vivia um período de intensas mudanças sociais, sua arte se foi uma forma de protesto, de denúncia das disparidades e de afirmação de sua identidade política. Frida Kahlo se posicionou não apenas como uma artista que fala sobre a experiência pessoal da mulher, mas também como uma mulher que resistiu à marginalização de seu povo e de sua cultura.

Ao refletirmos sobre a importância de Frida Kahlo como um ícone de empoderamento e resistência, percebemos que sua arte não só desafia as convenções de seu tempo, mas continua a oferecer um espaço de reflexão sobre os direitos e as lutas da mulher, da identidade e do corpo no contexto atual. A obra de Kahlo permanece uma ferramenta poderosa para aqueles que buscam resgatar sua própria identidade, resistir às imposições sociais e políticas, e transformar a dor em uma força de mudança e autossuficiência.

Considerações Finais

O presente estudo teve como objetivo principal analisar algumas obras de Frida Kahlo sob uma perspectiva semiótico-psicanalítica, destacando como suas pinturas se conectam com temas como a dor, o trauma, a identidade feminina, o surrealismo e a autoficção. Ao longo da análise, foi possível observar que a arte de Kahlo não se limita à simples representação de sua realidade pessoal, mas se constitui em um campo de resistência e empoderamento em que a dor é transformada em um elemento de afirmação de sua subjetividade e resistência contra as imposições sociais e políticas.

Kahlo se revelou uma artista que utiliza sua arte como uma forma de expressão intensa, marcada por uma reinterpretação da realidade por meio de símbolos carregados de significado psicanalítico e surrealista. A partir das leituras de Freud, Santaella e do manifesto de André Breton, foi possível compreender como os elementos do surrealismo, o simbolismo do corpo e o universo onírico em suas obras dialogam com os processos inconscientes e as experiências traumáticas de Kahlo. A partir da análise de seus autorretratos, ficou claro que sua arte não só documenta seu sofrimento físico e emocional, mas também ressignifica esses elementos, criando uma narrativa visual que interage com sua identidade e com questões de gênero, corpo e subjetividade.

A abordagem semiótico-psicanalítica revelou-se fundamental para a compreensão mais profunda das obras de Frida Kahlo. A semiótica, ao se debruçar sobre os signos icônicos presentes nas suas pinturas, permitiu identificar como Kahlo utilizava a linguagem visual para expressar seus conflitos internos, suas angústias e suas afirmações. Ao mesmo tempo, a psicanálise, ao examinar o inconsciente da artista, ajudou a desvelar os aspectos mais profundos de sua psique, evidenciando como sua dor e suas experiências traumáticas se tornaram a matéria-prima para a criação de uma arte de resistência e transformação. A combinação desses dois campos teóricos possibilitou uma interpretação mais rica e multifacetada das obras de Kahlo que, ao mesmo tempo, são um reflexo de sua subjetividade e um meio de comunicação sobre temas universais como a luta contra o sofrimento e a afirmação da identidade.

Essa leitura semiótico-psicanalítica também mostrou a relevância da obra de Frida Kahlo no contexto contemporâneo, pois ela continua a ser uma referência para a compreensão de questões sociais, culturais e políticas, especialmente no que tange aos estudos de gênero, corpo e identidade. Ao compreender a obra de Kahlo a partir dessas lentes, podemos ampliar

nossa compreensão sobre as relações entre o sujeito e a sociedade, e sobre como a arte pode ser uma forma poderosa de resistência e empoderamento.

A análise semiótico-psicanalítica das obras de Frida Kahlo abre um leque de possibilidades para futuros desdobramentos em diversos campos de estudo como a arte, a literatura e os estudos culturais.

Na arte, a obra de Kahlo continua a ser uma fonte inesgotável de inspiração para artistas contemporâneos que exploram a dor, a identidade e a subjetividade. A relação entre corpo e arte, especialmente no campo da pintura e da arte visual, pode ser mais explorada em investigações que busquem aprofundar a conexão entre o sofrimento pessoal e a expressão artística. A arte de Frida pode também servir como uma referência para um estudo mais profundo sobre o uso do surrealismo na arte contemporânea, especialmente no que se refere à maneira como o inconsciente e o onírico são utilizados como formas de expressão criativa.

Frida Kahlo permanece uma figura central no debate sobre arte, identidade, sofrimento e resistência. Sua obra não apenas oferece uma representação profunda de sua experiência pessoal, mas também se conecta a questões universais como o empoderamento, a luta contra a opressão e a construção da identidade feminina. A leitura semiótico-psicanalítica da sua arte permite uma compreensão mais rica e profunda das camadas simbólicas presentes em suas pinturas, revelando as complexas relações entre a dor, o inconsciente e a afirmação da subjetividade. Kahlo segue sendo uma referência para estudos interdisciplinares que buscam compreender e explorar os processos de resistência e transformação na arte e na sociedade.

Tudo converge histórica e culturalmente. A psicanálise dos sonhos de Freud em 1900, o nascimento de Frida Kahlo em 1907, o surrealismo com Breton em 1920. Logo depois, Frida sofre um acidente e começa a pintar (1925).

REFERÊNCIAS

BERNARD, Caroline. *Frida Kahlo e as cores da vida: uma história de arte, amores e resoluções*. São Paulo: Tordesilhas, 2021.

BRETON, André. *Manifestos do surrealismo*. São Paulo: 100/cabeças, 2024.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. 17ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

CESAROTTO, Oscar A. Entrevista à Leitura Flutuante. *Leitura Flutuante*, v. 4, n. 2, p. 141–151, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/leituraflutuante/article/view/13544>. Acesso em: 22 maio 2025.

DOUBROVSKY, Serge. *Fils*. França: Folio, 2001.

FREUD, S. *A interpretação dos sonhos*. Obras completas. São Paulo: Companhia das Letras, 1900/2019. (volumes V-VI).

FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1930/2010.

GIMENES, Roseli; OLIVEIRA, Monica. Frida Kahlo. In: *Cultura em Foco*. Barueri: Instituto Legus. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=u4vAfPyW8sc&t=320s>. Acesso em: 8 abr. 2025.

HERRERA, Haydens. *Frida, a biografia*. São Paulo: Ed Biblioteca Azul, 2011.

KATZ, Susan B. Frida. *A biografia ilustrada de Frida Kahlo*. Ubook. UBK Publishing House, 2020.

SANTAELLA, Lucia. HISGAIL, Fani. *Semiótica Psicanalítica: Clínica da Cultura*. São Paulo: Iluminuras, 2016.

SANTAELLA, Lucia (org). *O mal-estar na cultura revisitado*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2024.

TASKEN. *Livro Frida Kahlo*. The complete paintings. Itália: Prince Books, 2021.